

METABOLISMO

23 de setembro de 2017

OS CEGOS E O ELEFANTE

Metabolismo é uma bela metáfora. Mas as perguntas subjacentes são diferentes: o que usamos, para quem, em nome de sustentar o quê? Quem consome os recursos, quem carrega o resíduo, quem lucra com a transformação? Os que se sentaram em torno desta mesa – uma pesquisadora de política energética, uma economista ecológica, uma ativista dos comuns urbanos e uma bioartista – tentam entender o metabolismo olhando a partir de diferentes escalas. E todos estão cientes da história dos cegos e do elefante: onde cada um toca o elefante, isso é tudo o que vê.

Começamos com o projeto fotográfico de Peter Menzel, Planeta Faminto: o consumo alimentar semanal de famílias de diferentes países posto lado a lado. Uma família turca à esquerda, uma família sudanesa à direita. Fontes diferentes de carboidratos, proporções diferentes de proteína. Quando você traduz isso em energia, a mesma paisagem aparece: quais sociedades usam quais tipos de energia? Carvão, petróleo, nuclear? Para quê – eletricidade, aquecimento, transporte? Em quais setores – indústria, habitação?

Indicadores de número único – "se todos vivessem como nós, precisaríamos de 2,2 planetas Terra" – têm forte força comunicativa, mas matam a nuance. Uma abordagem em camadas torna visíveis diferentes pontos de intervenção em diferentes escalas. A eletricidade pode substituir certos combustíveis, mas a aviação ainda depende do petróleo. Produzir política sem enxergar essas camadas é andar com os olhos vendados.

"Questionar o que fazemos, o que usamos e para quê é uma prioridade muito grande. Se colocarmos a justiça no centro ao fazê-lo, podemos continuar melhor."

As Ilhas Galápagos são um exemplo concreto. O WWF quer uma medição de pegada ecológica; pesquisadores propõem análise metabólica. Uma ilha de quinhentas pessoas, noventa por cento sob conservação, toda a energia chegando de petroleiro por mar. A medição padrão de pegada dá um resultado simples: um problema de ilha isolada. Mas a análise metabólica revela uma realidade diferente: todo o petróleo importado vai para os turistas, o dinheiro não fica na ilha, a população local não pode se expandir por causa das restrições de status de conservação. Metodologia diferente, realidade política diferente. A conclusão: uma recomendação por estadias de vários dias em vez do modelo de cruzeiro. O método determina o que se torna visível.

Temos enorme dificuldade de falar entre disciplinas. Cada um fala a linguagem de seu próprio campo, frequenta seus próprios congressos, escreve para seus próprios periódicos. A academia se tornou um circuito cada vez mais fechado – as mesmas pessoas, os mesmos congressos, os mesmos discursos. Para romper esse circuito, precisamos nos encontrar com ativistas, artistas e pessoas de práticas diferentes. Simplificar a linguagem acadêmica, mas sem perder complexidade na simplificação – esse equilíbrio é muito difícil, mas essencial.

E há uma jornada pessoal aqui também. Crescer na Arábia Saudita – ver a desigualdade de recursos, a opressão de gênero ainda criança – depois estudar desenvolvimento sustentável na Suécia, pesquisar política energética em Barcelona, coordenar projetos do Equador à África do Sul. O metabolismo não é apenas um arcabouço analítico; a vida em si é metabólica – de onde você flui e para onde, que energia você gasta e onde, onde você se reproduz.

CONFLITOS AMBIENTAIS E JUSTIÇA

A justiça ambiental é a face política do metabolismo. Projetos impostos de cima — barragens, minas, renovação urbana — afetam as comunidades locais de formas diferentes. Os afetados resistem com discursos diferentes, mas uma objeção compartilhada: por meio de petições, protestos, processos judiciais. Gezi Park tornou essa linguagem compreensível para todos: antes, explicar um conflito ambiental levava muito tempo; depois, as pessoas entendiam imediatamente.

"Gezi Park se tornou algo que facilitou nossas vidas. Quando falamos de conflito ambiental agora, as pessoas entendem muito mais prontamente."

Mas há uma tensão aqui. Escrever, artigos acadêmicos — esse trabalho não será feito dessa forma. Escrevemos tanto — quem lê? A linguagem visual ao longo da história foi mais poderosa do que a linguagem escrita ou falada. A arte e o visual têm uma efetividade diferente na comunicação. As animações climáticas da NASA, um outdoor, um programa de rádio — são canais diferentes, mas todos fazem a mesma pergunta: como carregamos o conhecimento? Quando um mapa dos conflitos ambientais da Turquia é produzido, uma perspectiva holística guia as pessoas para a compreensão — diferente de artigos dispersos, uma única representação visual mostra o quadro completo.

Mesmo dentro do campo da economia ecológica, o trabalho interdisciplinar não é fácil. Os departamentos de economia ensinam por meio de programas americanos do mainstream; pessoas com doutorados interdisciplinares têm dificuldades no mercado de trabalho. A reforma ao nível da educação é lenta, mas a cultura de pesquisa pode se transformar mais rapidamente. Se você tem fortes credenciais do mainstream — como a Economia da Universidade do Bósforo — pode fazer trabalho interdisciplinar. Caso contrário, você permanece fora do sistema.

A pesquisa de metabolismo urbano é outra camada. As cidades dependem de insumos externos — energia, alimento, água, materiais. As melhorias de eficiência interna são limitadas; a dependência estrutural é externa. Istambul é uma cidade de vinte milhões — ela consegue se alimentar? Não sabemos. Mas houve um período na história em que conseguia, e isso é um conhecimento importante.

Quando um mapa dos conflitos ambientais por toda a Turquia é produzido — minas, barragens, usinas termelétricas, projetos de renovação urbana — centenas de pontos de conflito aparecem por todo o país. Cada um é significativo em seu próprio contexto local, mas visto holisticamente, um padrão comum emerge: redistribuição de recursos de cima para baixo, resistência das comunidades locais e a supressão dessa resistência.

Histórias pessoais também correm em paralelo: alguém que começou com observação de pássaros e queria ser veterinário, depois biologia, depois economia, depois economia ecológica, depois justiça ambiental — navegando entre disciplinas ao longo de uma vida inteira. Uma paixão que começou com mergulho se transforma na prática de catalogar conchas do mar em Bozcaada para registros científicos turcos. A curiosidade pessoal evolui para contribuição científica, mas essa transformação nunca é planejada.

"Nunca pensei uma única vez no que faria com tudo isso. Eu vivi."

UM METABOLISMO SOCIAL LENTO

Antes de Gezi, grupos de comuns estavam construindo pontes entre diferentes movimentos — universidades públicas, trabalho precário, ecologia, alimento, espaço público. Quatro ou cinco fóruns foram realizados. Depois veio Gezi e de repente tudo convergiu. Mas depois, uma atomização ocorreu. Fomos pulverizados, dispersos. Depressão, carreirismo, formação de família — retirada individual da energia coletiva. Mas de dentro dessa dispersão, algo novo germinou: Dürtük — o Coletivo de Produtores e Consumidores Resistentes. O próprio nome é um programa: política alimentar centrada na resistência.

A prática do Dürtük é simples, mas difícil: pedidos de produtores locais toda semana, distribuição toda semana, trabalho toda semana. Uma equipe de coordenação de vinte a vinte e cinco pessoas, uma rede de duzentos e cinquenta a trezentos domicílios. Um espaço em Beyoğlu — Dünya Mekan — que serve simultaneamente como ponto de distribuição, espaço de reunião e local de exposição. Toda semana por mais de dois anos, com esforço mas com persistência.

"Fazemos pedidos toda semana, com dificuldade. Vão toda semana, fazem as compras, distribuem toda semana. Com dificuldade."

A eficiência é rejeitada — conscientemente. Quatro pessoas poderiam fazer o trabalho semanal, mas mais estão envolvidas, porque a questão não é logística, mas ressocialização. Continuar as adjacências, a sociabilidade que Gezi produziu. O trabalho é partilhado, as tarefas se alternam, a hierarquia não se institucionaliza. "Ainda há pressão de mercado" — mas apesar disso.

A questão do preço é complexa. Com duzentos e cinquenta a trezentos membros, não se pode competir com os preços dos supermercados. Mas o "preço justo" é determinado por uma lógica diferente: diálogo com o produtor, sazonalidade, o custo real do trabalho. Quando o tio Mehmet e sua esposa Cemile não conseguem trabalhar na chuva, você não pode avaliá-los puramente com base no preço. Além disso, os próprios produtores estão sob ataque — a terra agrícola está ameaçada, as condições ambientais estão se deteriorando. Isso gera uma qualidade política além da lógica de mercado.

Há também a questão do "crescimento". O Dürtük não quer crescer — conscientemente. Crescer demais é perder profundidade. Construir intimidades duradouras e sustentáveis, preservar a espessura da relação — essas enfraquecem à medida que a escala aumenta. A eficiência compulsória mata a prática. Por isso permanece pequeno, mas dentro da pequenez há uma intensidade. A colaboração é contínua com o grupo İzler — artistas — e materiais promocionais impressos à mão são produzidos. Tudo à mão, cara a cara, devagar.

Por trás do Dürtük estão lutas concretas: a resistência das Florestas do Norte; os Jardins de Yedikule — jardins urbanos centenários ameaçados de demolição — o Jardim de Piyalepaşa; o jardim da mesquita do século XVI de Mimar Sinan, à sombra de um projeto de renovação urbana de oitocentos milhões de dólares. Soberania alimentar, comuns urbanos, luta ambiental — tudo entrelaçado, tudo parte da ecologia.

"A esfera econômica, o meio ambiente, a ressocialização — tudo está entrelaçado. Parte da ecologia."

DO MICRO AO MACRO

Uma bioartista amplia o que vê sob o microscópio. Bactérias bioluminescentes — elas emitem luz por medo, para reprodução, para ocultação? Até os cientistas não sabem. Um ovo de polvo encontrado por acaso em Tenerife — a que espécie pertence, que função serve? Desconhecido. Mas foi "certamente projetado, através de anos de evolução, para ser colocado exatamente ali." Essa frase nos lembra o valor do não-saber. A perspectiva humana está presa no meio — não conseguimos ver o muito pequeno, não conseguimos apreender o muito grande. As ferramentas — microscópios, Google Earth, imagens de satélite — expandem nossa percepção, mas cada expansão abre um novo desconhecido.

A semelhança entre os mundos micro e macro é surpreendente: os mesmos padrões se repetem entre a estrutura interna de uma célula e o mapa de uma cidade, entre o ramificação de uma nervura de folha e um delta fluvial. O metabolismo opera em toda escala — da célula única à megacidade.

"O que mais me move na natureza é a aleatoriedade da natureza, sua incognoscibilidade, sua diretividade."

Os cientistas podem perder a capacidade de espanto pela repetição. A arte a restaura — através de formas diferentes de representação, perspectivas diferentes. Quando uma bióloga olhou para uma célula mil vezes, não a vê

mais; quando uma artista a reconstrói em vidro e luz, todos a veem pela primeira vez. Isso é um "re-encantamento" — a reanimação do conhecimento pela experiência estética.

A ética dos materiais também é uma questão de metabolismo: como se produz plástico por métodos naturais? Glicerina, vinagre, aglutinantes biodegradáveis — mas até os substitutos "naturais" parecem artificiais. A própria arte também é um ciclo metabólico: insumos (conhecimento, materiais, experiência) são transformados, produtos (obra, exposição, diálogo) emergem, e o resíduo é inevitável.

Trabalhar num programa de bioarte no MIT, visitas mensais a laboratórios em universidades americanas, trabalho em equipe com biólogos — essa colaboração é ela própria um metabolismo. Os cientistas descobrem o artesanato; as artistas descobrem a observação biológica. "Às vezes os cientistas não conseguem pensar em coisas simples, ou não conseguem ver o que consideramos natural como dado." E o reverso é igualmente verdadeiro: a artista nunca teria chegado ao ovo de polvo fora de um laboratório. Esse acesso mútuo — entrar nos mundos um do outro — é o real significado do trabalho interdisciplinar.

A FALÁCIA DA CIRCULARIDADE

O aparato de desenvolvimento das Nações Unidas agora fala de "economia circular" e "inclusão social". Mas o pressuposto subjacente fica sem ser questionado: é possível um sistema metabólico de circuito fechado? As leis da termodinâmica não o permitem — toda transformação envolve uma perda de energia, a entropia aumenta. A economia do mainstream abandonou o pensamento termodinâmico desde os anos 1950; gerações recebem uma educação em "economia circular" sem entender os limites termodinâmicos.

O metabolismo é inevitavelmente um sistema aberto. Tem insumos, produtos, resíduos. "Fechá-lo" não é possível, mas é possível desacelerar os fluxos, distribuí-los equitativamente, reduzir os resíduos. Aqui retornamos novamente à prática do Dürtük: "um metabolismo social mais lento" — um hábito de consumo baseado no alimento, no local, no próximo, no relacional.

"Escrever não fará este trabalho. Por isso fortalecer a dimensão visual é muito importante."

Mas a linguagem visual também não é suficiente sozinha. Sem escrita profunda, pesquisa e conhecimento acumulado por trás, os visuais também flutuam no vácuo. Mensagens simples têm alto poder comunicativo, mas "sem toda aquela escrita por trás", a profundidade se perde. Ambos juntos: análise em camadas e linguagem visual acessível. Cada um dos cegos toca uma parte do elefante; mas quando todos olham juntos, o elefante é visível.

E há isto: as condições estão se deteriorando. Em 2011, no auge da popularidade de Istambul, realizou-se uma conferência de economia ecológica — agora os orçamentos estão estrangidos, há inquietação, as coisas não vão nada bem. Esses próprios encontros — sentar e conversar, respirar, se reunir — são uma insistência apesar das condições. Voltando ao significado mais fundamental do metabolismo: transformar para permanecer vivo, tomar e dar para transformar. E uma pergunta ética paira no ar: o metabolismo não é apenas "é sustentável?" mas "como deveriam os seres humanos viver juntos com outros seres vivos?" A metáfora do metabolismo carrega ressonâncias políticas específicas — é possível imaginar sistemas não hierárquicos? Estruturas em camadas como estratos geológicos, ou um metabolismo anárquico? Ao fazer trabalho técnico, manter essas dimensões ético-políticas diante dos olhos, torná-las parte da investigação crítica, é necessário.

Esta conversa também é um metabolismo — uma troca de conhecimento, experiência, emoção. Lenta, insistente, transversal. Uma perspectiva que abrange o metabolismo socioecológico é o "berço metabólico" do birbuçuk — o arcabouço em que nos sentamos, o ar que respiramos, a experiência que digerimos.